

METODOLOGIAS DAS AÇÕES POLÍTICO- -ESTÉTICAS LATINO-AMERICANAS DO SÉCULO XXI

Editorial

**Humberto Issao Sueyoshi
Paola Lopes Zamariola**

Metodologias das ações político-estéticas latino-americanas do século XXI

A revista *Aspas* é incomum em nosso campo de atuação. Ela é editada por estudantes do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, cujos orientadores são docentes do mesmo programa, sendo eles os responsáveis gerais pela revista. Cada edição é coordenada por um grupo de editores-estudantes que orienta e organiza o respectivo número, convidando pesquisadores para escrever sobre um tema determinado pelo coletivo de editores, em um período que varia de 6 a 18 meses.

Por essas características, as edições podem absorver diferentes perfis e pontos de vista naquilo que concerne ao processo de seleção, editoração e organização de suas edições. Foi seguindo esta perspectiva que, ao final do sexto ano de sua existência, a *Aspas* foi reconhecida pela avaliação da Capes como sendo uma revista B2, uma grande conquista para todos que participam e participaram da construção desta história.

Desde o princípio da revista temos incentivado os pesquisadores, por meio de nossas seções e temas, a fugir de um certo padrão formal de escrita, entendendo que é fundamental a um campo de pesquisa em artes a procura por uma constante inventividade na própria tessitura textual e em seu modo de organização. Contudo, desde cedo também percebemos a grande dificuldade em sair dos estreitos parâmetros acadêmicos que a dita *pesquisa científica* parece ter estabelecido. Raramente recebemos algum material divergente, com efetivas contribuições ao debate, conseguindo organizar em suas linhas e percursos narrativos formas de resistência às imposições universitárias. Apesar disso, insistimos em manter essa porta aberta e o convite permanece sempre disponível. Entendemos que a revista é um grande espaço de experimentação: a demonstração de supostos resultados é apenas uma possibilidade dentre as várias outras que caracterizam o que, efetivamente, buscamos reconhecer como produção de conhecimento. Os ditos resultados, por sua vez, não nosso único foco de ação.

Dentro do campo das artes cênicas, apesar de haver uma grande exaltação ao processo de criação, ao reconhecimento de uma verdadeira proces-

sualidade dos procedimentos criativos, essa mesma postura aparentemente não encontra respaldo nas respectivas investigações científicas, manifestas seja na forma de artigos, dissertações ou teses, que buscam sempre a apresentação de supostos resultados, a despeito do intrínseco e valioso percurso investigativo que, por vezes, não se apresenta como igual objeto de publicação e aprofundamento. Todavia, esses percursos e processos constituem um importante material que a revista continua em busca de absorção.

Há alguns anos que, de modo nítido, é possível observar que a utilização de novos enquadramentos e a investigação de formas alternativas à produção científica estão sendo aceitas paulatinamente pelos membros do campo. Autetnografias, ficções etnográficas, representações poéticas, métodos cartográficos e gêneros mistos são defendidos como concretas formulações de conhecimento (FORTIN, 2009; PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015; RICHARDSON, 2000) e a revista insiste em incorporar tamanhas possibilidades.

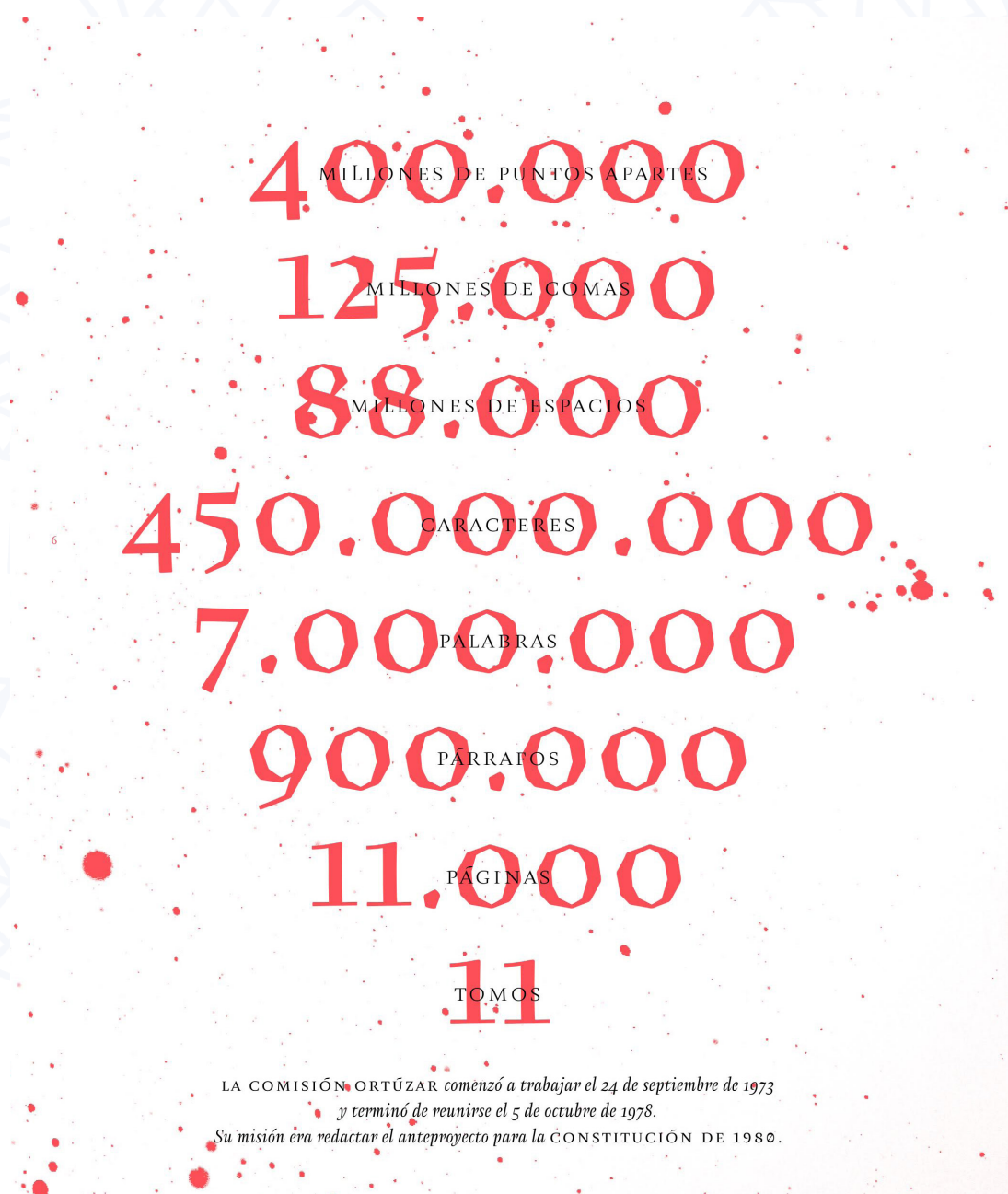
A linguagem é uma força constitutiva, criando uma visão particular da realidade e de si. Nenhuma encenação textual é inocente (incluindo esta). Os estilos de escrita não são fixos nem neutros, mas refletem a dominação historicamente mutável de escolas ou paradigmas particulares. A escrita científica social, como todas as outras formas de escrita, é uma construção sócio-histórica e, portanto, mutável. (RICHARDSON, 2000, p. 5, tradução nossa)

Sendo assim, é imperativo buscar alternativas, ainda que timidamente, de introduzir formas de escrita que possam ser tensivas ou desestabilizadoras, ainda mais em um tempo tão conturbado como este no qual, infelizmente, estamos dedicados a viver: um tempo em que o reconhecimento das diferenças parece constituir uma luta que precisa ser travada com unhas e dentes, spray e tinta, com cores fortes e gêneros múltiplos: é a multiplicidade de afeitos que pode dar às ruas aquilo que o cinza parece ter encoberto – e que, contudo, apenas parece encoberto: a vida, ela ainda pulsa.

Desse modo, na seção Forma Livre trazemos trechos do processo criativo de *Comisión Ortúzar: acciones al rededor de unalla refundación*, do Núcleo Arte, Política y Comunidad, do Chile. Ao longo deste projeto, os suportes de criação para os debates em torno das 11 mil páginas da comissão formada

durante a ditadura militar, e que formulou a atual constituição chilena, geraram intervenções visuais, performances urbanas e um espetáculo teatral, que são compartilhados neste espaço da revista por meio de alguns de seus registros visuais.

Com curadoria da editora responsável por este número, a revista propõe certa costura de textos e artigos recebidos com alguma daquelas imagens. É uma forma de intervenção que se realiza ao final dos artigos, em uma estabelecida fusão das seções: uma forma de criar possíveis articulações entre as imagens e os textos recebidos.



Na seção especial, publicamos uma proposta de Eleonora Fabião, performer e professora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que, por ocasião do VI Seminário de Pesquisas em Andamento, realizou uma intervenção no teatro da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, no dia 26 de julho de 2016. Sua apresentação é, aqui, recuperada em forma de carta e áudio. A autora traz o debate realizado acerca dos atuais tempos de (inau) dita convulsão social, e a possibilidade da pesquisa constituir uma forma e força de atuação política, assim como a possibilidade da arte ser um modo possível de intervenção pública.

O ano de 2016 foi marcante para o território latino-americano e suas frágeis democracias. No Brasil, vivenciamos o duro processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, junto à completa desintegração de um país marcado por uma grande incapacidade de elaboração de um projeto coletivo de organização social, uma vez que suas arcaicas estruturas permanecem verdadeiramente intactas e vigentes; acompanhamos o início do mandato de Maurício Macri na Argentina; os olhos observaram, de perto, a passagem da Venezuela por um de seus períodos mais acirrados e hostis desde que Nicolás Maduro tomou o poder em 2013. Como se não bastasse, o discurso conservador, capaz de organizar o ressentimento profundo que abate boa parte dos setores de classe média, revelou-se de modo cristalino em vitórias como a de Donald Trump, nos Estados Unidos, e na ascensão de Le Pen, na França. Os muros, por sua vez, não escondem a fragilidade impressa nas desvidas de refugiados e nos incessáveis conflitos no Oriente Médio.

Como este contexto político reverbera no teatro contemporâneo, nas cenas que ganham os palcos e as ruas? Quais são as formas e alegorias assumidas pelo poder em sua elaboração cênica? Quais estratégias e procedimentos criativos conseguem dar conta da complexidade da vida pública atual? Alimentada por estas inquietações, a edição 6.2 da revista *Aspas* voltou-se às metodologias de criação, pesquisa e ensino das atividades cênicas que se dedicam a ações político-estéticas latino-americanas neste início do século XXI.

A fim de buscar vestígios na abordagem desse tema, convidamos os autores a se debruçar sobre os recentes processos políticos da América Latina, já que nos parecia urgente refletir sobre como são planejados, produzidos e

realizados os trabalhos cênicos que dialogam com as transformações e golpes que os países latino-americanos têm sofrido nas últimas décadas.

Indagar-se, a partir de um ponto de vista metodológico, sobre como são desenvolvidos os dispositivos cênicos de criação das intervenções, ações cênicas, performances, espetáculos teatrais, pesquisas e teorias que têm como premissa um objetivo político-estético foi o principal foco desta publicação. Esperamos que este seja apenas o primeiro número de uma série de outras edições que possam continuar a dar atenção às metodologias de criação, pesquisa e ensino das artes cênicas. Entendemos tamanho ponto de vista metodológico como um ponto de vista processual, como um modo de apreender e reconhecer as múltiplas e inesgotáveis formas de conduzir pesquisas, não apenas se focando em estudos a respeito de métodos de criação.

Para abrir a seção Especial e dar continuidade ao projeto do Núcleo Arte, Política Y Comunidad, convidamos alguns de seus integrantes a publicar suas reflexões acerca desse processo criativo. Em “Ensaio de uma metodologia: problema, experiência e projeções”, Ana Harcha Cortés, diretora e professora do departamento de Teatro da Universidade do Chile, e também a atriz Constanza Blanco, compartilham as metodologias de criação de Comisión Ortúzar desenvolvidas entre os anos de 2014 e 2015.

Na sequência, Mauricio Barría, dramaturgo e professor do departamento de teatro da Universidade do Chile, e Patricia Artés, diretora do grupo chileno Teatro Público, no artigo “Comissão Ortúzar, ações em torno ao legado de uma refundação: dois olhares sobre sua dramaturgia”, apresentam os procedimentos criativos vinculados aos processos da dramaturgia, enfatizando seus deslocamentos performáticos como uma estratégia encontrada para dar forma às práticas interessadas na gestação de um novo teatro político. Dedicam-se, também, ao debate sobre os limites entre a política e o que é o político na cena contemporânea, uma reflexão seguida e embasada por aquele já referido texto de Eleonora Fabiao.

Finalizando esta seção, a artista da dança e professora da Universidade Estadual do Paraná, Marila Annibelli Velozzo, em “Parâmetros coevolutivos e contextos políticos para analisar e desenvolver modos de criação”, parte do pressuposto de que os modos de organização de uma criação artística podem ser articulados com aquilo que emerge das dinâmicas que surgem ao

longo de um processo. Dessa maneira, a pesquisadora debate como a metodologia, como aspecto coevolutivo ao processo de criação, se conecta com o contexto político do qual faz parte.

Para abrir a seção Artigos, em “Teatro Menor: crises e potências na intersecção dos processos de gestão, produção e criação artística de um teatro latino-americano”, Heloisa Marina da Silva, atriz e produtora, doutoranda do Programa de Pós Graduação em Teatro da Universidade Estadual de Santa Catarina, compartilha parte de sua investigação acerca das características particulares de obras, grupos, núcleos e artistas circunscritos no que a autora define como teatro menor, metáfora inspirada nas reflexões de Deleuze e Guattari.

Em “Cenários infantis latino-americanos: apontamentos sobre processos cênicos emergentes da ação cultural”, Luvel Garcia Levy, crítico e pesquisador teatral, doutorando do Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas da Universidade de São Paulo, apresenta uma constante no teatro latino-americano, principalmente em trabalhos de coletivos alinhados à perspectiva de teatro de grupo, nos quais se originam processos criativos associados a diferentes modalidades de ação cultural e práticas cênicas intimamente vinculadas a uma busca por estratégias de criação ligadas a uma possível transformação social.

Nessa mesma perspectiva, em “O Pão e a Pedra: uma greve no palco”, o ator Ney Piacentini, doutorando do Programa de Artes Cênicas da Universidade de São Paulo, a partir de sua investigação em andamento, a respeito do *ator dialético*, aborda o processo de pesquisa e montagem de uma peça homônima, criada pela Companhia do Latão em 2016, para retratar a greve dos metalúrgicos em 1979, no ABC Paulista.

Por fim, na seção Desenhos de Pesquisa, a atriz e educadora Luciana Cezário Milagres de Melo, mestranda em Artes da Cena pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, no artigo “Preparação para o mergulho, desejo de convívio”, compartilha os princípios da metodologia usada na pesquisa em andamento “Mergulho em águas profundas: o teatro é [no] encontro com o outro no mundo”. Em seu trabalho, a pesquisadora partilha com o leitor os procedimentos metodológicos que atualmente utiliza em suas investigações, como a atitude fenomenológica, a perspectiva etnográfica, a bricolagem, a desmontagem e a abordagem autobiográfica.

Em “INterVENÇÃO poÉTICA, uma dramaturgia da urgência,” Valquíria Moura Vieira, artista de dança e de teatro, especialista na técnica Klauss Vianna pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, aborda e problematiza os desafios do artista contemporâneo em criar procedimentos em contextos nos quais a vertiginosa velocidade dos acontecimentos políticos coloca a prática artística em constante estado de urgência. Para tanto, debate algumas estratégias metodológicas de criação da Cia. Corpocena, da qual é cofundadora.

E, em “Cartografia de uma criação colaborativa: a encenação rapsódica do espetáculo Alto Mar”, o diretor Phelippe Celestino, mestrando em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo, investiga o conceito de rapsódia, a fim de pensar sua aplicabilidade cênica, além de trazer à tona considerações sobre o processo colaborativo, para assim evidenciar como estes princípios possuem relações políticas, estéticas e ideológicas de ruptura com a tradição dramática e realista, pertencentes ao teatro clássico e burguês.

Esperamos que os leitores aproveitem os percursos metodológicos das pesquisas e criações compartilhadas e que eles possam alimentar a formulação de outras e novas criações.

Humberto Issao Sueyoshi e Paola Lopes Zamariola

Editores de número

Referências bibliográficas

- FORTIN, S. **Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística.** Cena, Porto Alegre, v. 7, n. 1, 2009, p. 77-88.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulinas, 2015.
- RICHARDSON, L. **New Writing Practices in Qualitative Research.** Social Sciences Journal, Amsterdam, v. 17, n. 1, 2000, p. 5-19.